

FÓRUM NÉGOCIOS DE IMPACTO PERIFÉRICO – A BANCA: RELATÓRIO SÍNTESE¹

EQUIPE

BEATRIZ ABREU (CEAPG/FGV)

FELLIPE BRANCACCIO (UFABC)

GRACIELA GUILLÉN (UFABC)

JONATHAS CARVALHO (UFABC)

LUIS CARLOS SOUZA (UFABC)

LÚCIO BITTENCOURT (UFABC)

TIAGO MATHEUS (CEAPG/FGV)

No dia 26 de Maio de 2017, A Banca - Produtora Cultural Social, realizou o primeiro Fórum Negócios de Impacto Periférico, na Paróquia Santos Mártires, Jardim Ângela. Como parte das atividades do projeto de extensão “Juventudes, culturas e educação: conectando universidades e território via Estação de Pesquisa Urbana M’Boi”, desenvolvido pela Universidade Federal do ABC (UFABC) em parceria com o Centro de Estudos em Administração Pública e Governo da Fundação Getulio Vargas (CEAPG/FGV), pesquisadores e pesquisadoras acompanharam as atividades do Fórum e produziram documento registros sobre cada uma das mesas simultâneas desenvolvidas durante o evento. Neste **Relatório Síntese**, nosso objetivo é apresentar aspectos centrais das discussões promovidas em cada uma das mesas e propor discussões a partir da leitura da equipe de pesquisadores e pesquisadoras sobre as potencialidades e desafios presentes no fórum promovido pela A Banca. Com isso, buscamos contribuir para a troca de saberes entre universidades e ações desenvolvidas por jovens da, na e para a região de M’Boi.

¹ Material elaborado como parte das atividades desenvolvidas no âmbito do projeto de extensão “Juventude, Cultura e Educação: Conectando Universidades e Território via Estação de Pesquisa Aplicada sobre Vulnerabilidades Urbanas M’boi Mirim”, promovido pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal do ABC (PROEC/UFABC), em parceria com o Centro de Estudos em Administração Pública e Governo da Fundação Getulio Vargas (CEAPG/FGV).

1. Durante o evento foram realizadas oito mesas simultâneas, sendo quatro no período da manhã e outras quatro no período da tarde. Seus temas foram: O Ecosistema de Negócios com Impacto e Inovação Social, Educação e Tecnologia, Identidade, Resistência e Estilo, e Investimentos de Impacto Social (manhã); e Alimentação e Saúde Sustentável, Mercado de Música, Tecnologia e Educação, e Financiamento Coletivo (tarde).

2. A mesa “O Ecosistema de Negócios com Impacto e Inovação Social” foi composta por representantes do Instituto de Cidadania Empresarial (ICE), da Artemisia e da FGV. Inicialmente, cada um deles contou um pouco sobre seu papel dentro da discussão e realização de negócios de impacto. Em seguida, abordaram alguns dos conceitos necessários para pensar o tema em questão e discutiram o papel do negócio de impacto e da inovação social dentro não somente do contexto da periferia mas também “do lado de lá da ponte”. Durante as perguntas e debates, foi possível perceber o desejo de empreendedores da periferia de produzir não somente na periferia, mas principalmente para a periferia. Isso antes mesmo de construir a via de duas mãos defendida pelas mediadoras e pelo mediador. Uma das falas ao final da sessão ajuda a resumir um pouco desse debate: “o maior problema no estabelecimento de uma relação entre as diferentes realidades muito possivelmente seja a falta de uma boa comunicação entre os lados da ponte”.

3. A mesa “Educação e Tecnologia” buscou oferecer ferramentas tecnológicas para maximizar e facilitar o desenvolvimento de atividades pensando na educação institucional. O primeiro palestrante foi Cláudio Sasaki, fundador da Geekie Games (empresa que cria produtos para democratizar e facilitar o aprendizado). Em seguida, Leandro, diretor da Nova Escola, contou sobre a trajetória da revista e a relação de seu trabalho com a redução de desigualdades por meio da escuta aos professores e estudantes para construir seu conteúdo. As perguntas e debates focaram temas como escalabilidade, o acesso a tecnologia nas escolas, o próprio conceito de tecnologia enquanto processo e não como um produto, o engajamento de professores no uso dessas tecnologias e os produtos já desenvolvidos pelas organizações representadas pelos participantes da mesa.

3. A mesa “Identidade, Resistência e Estilo” teve as participações de Rodrigo e Flávia, da Marca Fundão – Loja Fundão Roupas, há dez anos no mercado e que começou com um negócio entre alguns amigos. A marca atualmente é divulgada pelas redes sociais e a loja na Vila Fundão recebe o público de diversas partes de São Paulo. Também participou Jorge, da Mue Moda. Mue era um adjetivo que se tornou uma marca entre amigos há cerca de dois anos. Originou-se a partir do desejo dos amigos terem roupas legais, porém, sem ter dinheiro para comprá-las, por que então não fazerem suas próprias roupas de marca para a periferia? As perguntas e debates envolveram os desafios para fazer a ideia acontecer, as estratégias para produzir com qualidade e manter preços competitivos, as cobranças em torno de quais públicos usam as marcas, a apropriação do estereótipo da periferia como marca e a possibilidade de haver estereótipos, barreiras e/ou resistências pelo empreendedorismo periférico.

4. A mesa “Investimentos de Impacto Social” contou com uma representante da Associação Arco (ONG), Regiane; o Diretor Executivo da Vox Capital, Daniel Izzo; e Gui Netto, representante do Fundo Zona Leste Sustentável. Os três rapidamente falaram sobre suas empresas e logo

depois abriram a mesa para um debate, que seguiu de maneira informal, como uma conversa. Surgiram questões como as origens dos recursos para a manutenção das organizações, a com o governo local, as mudanças decorrentes da troca de gestão do governo e sobre a presença de esportes e cultura em suas atividades. Também foi discutido como são feitos os investimentos do Fundo – se, como e quanto é investido em startups locais, e se os recursos investidos retornam ao fundo. Finalmente, foram indicados os seguintes fatores como importantes para o sucesso de startups: um time bem estruturado com uma equipe sinérgica; jogo de cintura para alterar completamente o projeto quando necessário para algo que dê retorno financeiro; e networking.

5. Na mesa “Alimentação e Saúde Sustentável” participaram o chef e gestor da Gastromotiva David, com parte de sua equipe, apresentando o histórico do projeto. Inicialmente voltado para a formação profissional, passa a trabalhar ao longo do tempo a questão da educação alimentar a partir da ideia de gastronomia social. Renato, do Dedo Verde, por sua vez, apresentou o trabalho do coletivo, voltado a impactar a periferia com alimentação e sustentabilidade. A experiência começa com hortas locais de pequenos agricultores trabalhando em economia solidária; atualmente, trabalha tecnologia social a partir de quatro eixos: ambiental, socioeconômico, de educação ambiental e saúde. As perguntas e debates refletiram sobre a dificuldade de alimentação na periferia, a ligação política do alimento e o crescimento da desinformação alimentar.

6. A mesa “Mercado de Música” contou com músicos (iniciantes ou não) como público principal, para além dos membros da mesa. A discussão foi guiada pela seguinte questão: quais os desafios que a música tem para fortalecer a cultura local alinhada com o negócio? Diel, educador, rapper e membro da produtora cultural social A Banca, compartilhou um pouco de sua trajetória no mercado de música. Leo Mello, que trabalha também com música, educação e iniciativa social, se apresentou e falou um pouco sobre o C de Cultura – um possibilitador de diálogos dentro da diversidade musical brasileira. Mauricio Bussab, por sua vez, representando Tratore, apontou como sua função promover a relação entre o artista e o comprador/consumidor e realizar a disponibilização da música, seja por meio físico nas principais lojas brasileiras ou através das plataformas online. Os debates foram em torno das etapas do processo de criação de um CD e as diferentes maneiras de distribuição, do papel do audiovisual no mercado de música atualmente, e da questão dos “home studios” e da falta de informação presentes em grande parte dos grupos de músicos iniciantes – havendo consenso entre a mesa de que existe ainda resistência de músicos independentes em relação às questões burocráticas da divulgação da música em plataformas.

7. A mesa “Educação e Tecnologia” contou com a mediação da professora Sílvia, do CEU Guarapiranga. Resgatando uma fala de mesa realizada pela manhã – que defendia tecnologia não como um fim, mas como um meio, propôs como orientação para o debate a reflexão sobre o que seria a educação integral na periferia, de qual ou quais territórios falamos, como educar nesse território, quais as demandas e por que falar em negócios. Lara, da Fundação Lemann, contou do trabalho contra a naturalização da ideia de que a criança pobre não pode aprender e em favor da igualdade mais justa em que as pessoas deveriam ter as mesmas oportunidades. Reconhecendo que o sistema público está com falta de condições de infraestrutura, relatou a

aposta na educação pública, a longo prazo, e nas forças sociais. Para isso, defendeu atuação no apoio de recursos tecnológicos – não como substituição ao professor, mas identificando os desafios a serem enfrentados por meio da promoção de ambientes de escuta e diálogo; do fomento a empreendedores com tecnologias educacionais; e da formação continuada para que seja possível incorporar estas tecnologias. Érica, do Ângela de Cara Limpa, contou sua trajetória de vida, com pais que não estudaram mas apostaram em sua formação e batalha para cursar uma universidade quando não era esta a trajetória que lhe era reservada. Desenvolveu o Projeto Colmeia e o Stúdio E. Levaram quatro anos para montar um boneco e tiveram muita dificuldade para dialogar com as escolas, que possuem verba para investir, mas não possuem este costume. Pela trajetória que teve, foi possível desenvolver um material didático para uma aldeia indígena e aprendeu a perceber as diferenças entre culturas. Discutiu ainda que a educação não formal pode ser transformadora, quando a pessoa se assume capaz de ir atrás, muitas vezes mais que a educação formal. As perguntas envolveram os caminhos trilhados pelas organizações representadas na mesa, a maneira de lidar com o contraste entre desenvolvimento tecnológico e paralisia das escolas e as métricas utilizadas para o desenvolvimento de seus trabalhos. Também foram feitas colocações sobre a educação pública, como a relação e o diálogo professor-aluno – considerada mais importante do que tecnologia, capacitação ao docente e o conflito entre a dimensão pública da escola e a entrada da iniciativa privada – acompanhada do risco da privatização.

8. A mesa “Financiamento Coletivo” contou com a presença de três organizações distintas com experiência no tema. A *Firgun*, apresentada pelo Lemuel Simis, objetiva melhorar a qualidade de vida da população de baixa renda a curto e longo prazo, por meio da educação financeira e da oferta de crédito sem juros. A *Juntos com vc*, exposta por Lucas, é uma plataforma de crowdfunding, que estabelece uma relação mais próxima e específica com os projetos e os doadores, buscando fortalecer a cultura de doação no país, tirando o vínculo da doação com a filantropia e expondo um contexto mais participativo e colaborativo. Já a *Arco*, apresentada pela Madalena, é uma associação beneficente que desenvolve programas de atendimento básico para 600 crianças e adolescentes excluídos socialmente, proporcionando educação, assistência médica, alimentação saudável e orientação socioeducativa. Um dos principais pontos desenvolvidos durante as conversas e perguntas foram a demora e burocracia necessária para doar e fazer parte de um financiamento coletivo, prejudicando todo esse processo e fazendo com que várias pessoas deixem de doar devido às exaustivas demandas impostas. Outro tópico discutido foi como construir uma cultura de doação periódica na realidade brasileira, com suas peculiaridades. O estabelecimento do crowdfunding como uma opção e não como uma solução definitiva também foi debatido. Por fim, foi ressaltado que o financiamento coletivo é só mais uma opção que pode ou não agregar no contexto específico de cada organização.

9. Em nossa leitura sobre o evento, destacamos quatro pontos que parecem centrais às discussões realizadas no Fórum NIP: a preocupação quanto ao “como fazer”, a conectividade, a sustentabilidade das ações e a avaliação de impacto.

10. A preocupação sobre o “como fazer” aparece diante de cada uma das frentes de atuação (cultura, educação, assistência e outros), em cada proposta de ação. Muitos participantes

questionam qual o caminho para a efetivação das formulações ou diretrizes e, para isso, buscam apoio no relato das experiências daqueles que já acumularam saberes em determinadas áreas ou assuntos.

11. *Conectividade* diz respeito ao fórum ser frequentemente referido pelos participantes como um ponto de (re)encontro muito importante para a região, inclusive para aqueles que puderam ali se conhecer e dialogar pela primeira vez – e assim se reconhecer com interesses próximos, além de terem uma visão mais ampla do universo de pessoas mobilizadas em torno de assuntos convergentes. A possibilidade de construir, estabelecer e/ou estreitar parcerias também se fez presente em diversas mesas e debates.

12. *Sustentabilidade* surge como um dos grandes desafios e preocupação para os agentes locais. Esta ideia gira em torno da viabilidade da atuação de cada um, na região, em sua área de interesse, bem como na possibilidade de reinvestimento a partir dos ganhos obtidos na própria região, incentivando a economia local. Dessa maneira, sustentabilidade é pensada primeiramente do ponto de vista econômico; porém, traz consigo uma dimensão institucional ou formal (a formalização das ações conforme as diretrizes estabelecidas pelo poder público ou por outras organizações);

13. Uma vez que órgãos de apoio frequentemente demandam a possibilidade de avaliação dos “efeitos” das ações desenvolvidas na realidade local, a *Avaliação de impacto* passa então a ser tematizada sob a perspectiva de indicadores capazes de traduzir conforme os valores vigentes em cada realidade os resultados alcançados pelas ações implementadas. Fica presente aqui a preocupação de não reproduzir localmente uma lógica vigente em regiões mais favorecidas da cidade que acabariam se impondo sobre a realidade local. Percebe-se a preocupação em construir uma métrica coerente com os valores presentes na região, em favor do desenvolvimento local.

São Paulo, 29 de agosto de 2017.